

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Memórias do Comércio 2020-2021

Maria Aparecida da Silva: Bar da Mimi - Da infância humilde ao boteco raiz

História de [Maria Aparecida da Silva](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 08/03/2021

Projeto Memórias do Comércio de Bauru 2020-2021
Entrevista de Maria Aparecida da Silva - Bar da Mimi
Entrevistada por Luis Paulo Domingues e Daiana Terra
Bauru, 08 de fevereiro de 2021
Entrevista MC_HV022
Transcrito por Selma Paiva

P1 - Bom, Dona Mi, para começar eu queria que a senhora dissesse o seu nome completo, a data de nascimento e o local que a senhora nasceu.

R1 - Bom, meu nome completo é Maria Aparecida da Silva, nasci em 7 de março de 1961 e nasci aqui mesmo na cidade de Bauru.

P1 - Ah, legal. E qual é o nome do seu pai e da sua mãe?

R1 - Nome do meu pai falecido é Adail Luís da Silva.

P1 - E da mãe da senhora?

R1 - Também falecida, Lídia de Araújo Silva.

P1 - A, Legal. E a senhora teve contato, conheceu os seus avós?

R1 - Sim, conheci da parte da minha mãe, né? Do meu pai, quando a gente nasceu já era falecido.

P1 - Sei. E seus avós chamavam como?

R1 - É... meu... da parte da minha mãe, meu avô é Jorge Teles, né e a minha avó Maria Teles Menezes.

P1 - Ah, legal. E você sabe como que eles vieram para Bauru, né? Seus pais ou seus avós, se eles vieram de fora do Brasil, porque teve muita gente que veio de fora, né, ou veio do nordeste. Como que vieram para Bauru?

R1 - Olha, os meus avós da parte da minha mãe, eles vieram de navio, né, desembarcaram em Santos, que eles eram da Bahia, sertão da Bahia.

P1 - E eles vieram para Bauru fazer o quê?

R1 - Ah, eles vie... se estabeleceram ali naquela linha férrea que estava fazendo, né, na época, Paulista...

P1 - Sim

R1 - ...Então, eles vieram para trabalhar para cá.

P1 - E a senhora tem conhecimento de quando que ela... eles se estabeleceram aqui em Bauru e ficaram morando aqui?

R1 - Ai, olha, a época eu não sei porque, assim, ela... aquele tempo não tinha assim muito arquivo de coisas, né, assim fotos também. Eu sei a história que ela me contava, né, eu sei que eles vieram bem novinhos, assim, na época, né?

P1 - Ah, legal. E a senhora nasceu em Bauru, em qual bairro? A senhora lembra em qual bairro que a senhora nasceu?

R1 - Me parece que foi no Jardim Bela Vista.

P1 - No Jardim Bela Vista?

R1 - Isso.

P1 - E, na sua infância, a senhora morou aonde? Quais são as suas lembranças de infância, onde era?

R1 - Olha, a gente morou na Bela Vista mesmo, inclusive o meu nascimento foi em casa, viu, que naquele tempo era parteira, né, não tinha esse negócio de hospital, mas a gente passou toda a infância na Rua Bela Vista, 8-73, depois meu pai conseguiu um trabalho no Quaggio, né, e a gente foi morar na Nova Esperança, naquela primeira Cohab. Ele conseguiu comprar uma casinha, né, e a gente foi morar para lá.

P1 - No Quaggio seu pai trabalhava nos ônibus, de motorista?

R1 - É, meu pai trabalhava de ônibus e também era chofer particular dos Quaggio.

P1 – Ah, entendi. E o que que a senhora lembra da sua infância, como é que era lá na Bela Vista? Depois, quando vocês mudaram, como é que era a rua, os amigos, as brincadeiras?

R1 – Bom, eu lembro que era uma casa de madeira, né, inclusive era só esta casa lá de madeira e até as madrinhas da gente tinham casas boas, levavam a gente passear, na missa, né? Mas era bem, assim, a gente tinha bem dificuldade, né, mas a gente não entendia muita coisa também, porque tinha essa diferença, né, social, ali. Porque a gente morava de aluguel nessa casa, mas o pessoal dava roupa, a minha mãe também trabalhava para fora, né, ela lavava roupa para ajudar meu pai, porque era bem difícil mesmo, né, não tinha alimento, era bem difícil. Isso eu me lembro, que a minha mãe, assim, repartia muita comida, é... assim, pessoas davam, né, doavam, né, dividia entre os nossos irmãos, que era... nós éramos em três, né, e era dessa maneira, mesmo.

P1 – Como é que...

P2: Ô Maria, você pode só falar os nomes dos seus irmãos, por favor?

R1 – Olha, meu irmão falecido, que é o caçula, até assim, eu não gosto de tocar muito no assunto, que foi por causa do desaparecimento da minha mãe. Ele teve um câncer e desapar... faleceu, Antônio Luís da Silva, ele faleceu com 45 anos.

P1 – E o outro irmão?

R1 – Oi?

P1 – E o outro irmão?

R1 – A outra é irmã, né, a Fátima. A Fátima mora aqui pertinho de mim, Fátima Aparecida da Silva.

P1 – Ah, bom

P2 – E vocês eram muito unidos, ô Maria? Quais as brincadeiras que vocês mais gostavam de fazer, você e seus irmãos e o pessoal no bairro da Bela Vista? Conta um pouquinho, por favor.

R1 – Assim, muita infância não, porque a única coisa que minha mãe levava era parquinho, né? Minha mãe trabalhava bastante, é... tinha o Bom Samaritano, que era assim para famílias carentes, né? Então tinha gira-gira, né, tinha um parquinho assim que dava sopa. Agora meu pai, ele era muito assim, ignorante, sabe? Não tinha assim criança, assim, em contato com outra criança, a gente não brincava na rua, porque ele... ele não gostava que ia na casa das pessoas, porque sempre estava com negócio social no meio, né? Porque criança é inocente, não sabe, mas os... as crianças assim, ali do nosso meio, eu me lembro bem, ganhavam trenzinho, boneca, daquelas bonecas grandes, enormes, meu pai não tinha condição de comprar brinquedo. Então, eles mentiam que o Papai Noel não podia ir em casa, né, porque era assim bem simples. Então, ele dava aquele pacotinho de bala para a gente no Natal. Então, a gente cresceu com aquela desigualdade, sabe, na cabeça? Não entendendo por que o Papai Noel levava um trenzinho elétrico para as crianças que eram nossos vizinhos, ou aquelas bicicletinhas, né, eles ficavam andando depois do Natal e a gente não ganhava nada, né? A gente não entendia. Até hoje eu não curto esse negócio de Natal, entendeu? Era muita, muita, muita coisa errada, assim, que a gente não entendia, né?

P1 – E a senhora ia para a cidade, lá para o Centro, passeava lá, ou ficava mais na Bela Vista mesmo?

R1 – Não, só na Bela Vista, só saía com meus pais, ia no Jardim, que esse... essa praça Rui Barbosa aqui de Bauru, eles tinham animais lá, tinha macaco, tinha jacaré, era o único lugar que a gente passeava e ia na missa, na Igreja Santo Antônio.

P1 – Certo. E a senhora começou por causa dessa condição que a senhora estava vivendo, foi direto trabalhar ou a senhora foi para a escola também?

R1 – Não, fomos na escola, até a oitava série, né?

P1 – Sei. E onde era a escola?

R1 – Lá mesmo na Nova Esperança, onde a gente é... comprou a casinha, né?

P1 – Sei. E vocês foram morar na Nova Esperança e a senhora entrou na escola e ficou até a oitava série, então?

R1 – Até a oitava série.

P1 – E a senhora gostou da escola, como que era a escola para a senhora?

R1 – Ah, eu sempre gostei de estudar, viu? Eu sempre gostei de artesanato, de conversar. Minha mãe também, eu acho que a gente puxou a minha mãe, minha mãe era bem dada, assim, bastante simpática, gostava muito de trabalhar e conversar com as pessoas, né? Então, a gente aprendeu isso com ela, né?

P1 – Sim. E na escola tinha alguma matéria que a senhora ia melhor, assim, gostava mais?

R1 – Ai, tinha, que era Desenho, né, ah, eu sempre gostei. Chamava Artes depois, né, mas eu sempre gostei. É, eram duas matérias: era Educação Física, né, sempre gostei também, a gente é... brincava de bola, vôlei, né e as Artes, né? Eu sempre gostei de lápis de cor, de tinta, sempre gostei.

P1 – Sim. Legal. E quando a senhora ficou um pouco mais moça, é... o que aconteceu? A senhora continuou na escola até a oitava série e depois foi trabalhar, ou já começou a trabalhar antes com a sua mãe?

R1 – Eu ia trabalhar, sim, porque a gente... a minha mãe já levava a gente, né, na casa das patroas, para descascar milho, descascar alho, cebola, ajudar na limpeza, tirar pó, né, que ela trabalhava também na casa de um parente dos Quaggio, Adélia Guarnetti Quaggio e ela tinha um grande sítio, então ela trazia bastante, assim, é... verdura, é... frutas, né? Nossa, ela era bastante amiga da minha mãe. E aí a minha mãe...ela deixava a minha mãe levar a gente, né? Então, a gente já começou a trabalhar, aprendeu a cozinhar, né? E quando assim, a gente não ia, ou ia na escola na parte da tarde, meu pai era bravo, tinha que aprender a cozinhar, viu? Fazer o arroz, fazer o feijão, na lenha, não podia queimar nada, nada de pé... assim, de pôr o pé na rua, que ele era bravo, ele batia de cinta na gente. Então, naquele tempo não tinha esses lençóis que tem agora, né, era saco, aqueles sacos abertos assim, então tinha que passar no anil, tinha que deixar branquinho e pôr no sol, né, no gramado, depois torcer. Se meu pai encontrasse uma manchinha, ele batia na gente. Então, a gente aprendeu tudo isso: passar óleo de peroba, é... lustrar o sapato dele, tudo essas coisas, limpar armário, fogão, chão, tudo. Também ele era bem crítico nesse negócio de limpeza.

P2: É... Ô Maria, é... você contando, né, que desde cedo você... você gostava muito de Artes e de vôlei, é... eu queria saber, tipo, você se desenvolveu em alguma dessas áreas, tipo na... no artesanato? Você falou que gostava. Conta um pouco para mim como que é essa sua relação.

R1 – Não, nenhuma. Nenhuma, porque a gente tinha que trabalhar...

P2: Uhum

R1 – ...e não sobrava tempo para isso, né? Tinha que pegar o dinheirinho, levar para casa, né, nunca deu e naquele tempo também não tinha as oportunidades que tem hoje, né? Hoje você pode fazer um curso de grátis, né, hoje você tem bastante associações que dão cursos de grátis, né, mas aquele tempo não tinha, pobre era pobre e rico era rico, né? A gente se colocava assim, não tinha crédito, né, não tinha nada disso.

P2: E qual idade, Maria, que você exercia estas funções, de ajudar, que você disse que sua mãe levava vocês para trabalhar? Você já trabalhava com qual idade?

R1 - Dez anos de idade já levava.

P1 - E depois, Dona Mi, é... aí a senhora cresceu um pouco mais, como que a senhora se desenvolveu no trabalho? A senhora saiu de casa para trabalhar em outro lugar, como é que foi?

R1 - Ah, depois a gente foi desenvolvendo, né, aprendendo as outras coisas, né? Trabalhar assim fora, trabalhar por dia, né? A gente foi já desenvolvendo outras profissões, né?

P1 - Ah, legal. Onde a senhora morava, lá no Nova Esperança, já era bairro ou era meio rural, ainda?

R1 - Era rural. Ônibus era duas vezes no dia, de manhã e à tarde.

P1 - Sim. E... e tinha animais? Porque eu lembro quando eu era criança, na Independência, todo mundo criava bode, galinha, porco. Tinha isso?

R1 - Tinha galinha, tinha porco, tinha cachorro, tudo que você imaginar tinha.

P1 - Tinha (risos), entendi. E como é que a senhora começou a sua vida profissional sozinha? A senhora, qual foi o seu primeiro negócio, aí? A senhora ficou na casa dos pais até que idade, a senhora lembra?

R1 - Até os dezesete anos, né?

P1 - Sim. E aí, e depois?

R1 - Ah, depois a gente, eu já... logo você já começa a namorar e já quer casar, né, para sair daquela situação, né e só, e daí já me casei, já tive meu primeiro filho. Aí não deu certo o casamento, né, me separei e já comecei a ser sacoleira e ir em São Paulo buscar as mercadorias e trabalhar.

P1 - Sei. Ah, então a senhora se colocou neste ramo? A senhora foi, era sacoleira e pegava mercadoria em São Paulo para vender em Bauru, né? Esse foi o seu primeiro emprego?

R1 - Isso, carregava mercadorias, né?

P1 - Entendi. A senhora se casou com quantos anos, o seu primeiro marido?

R1 - Dezoito anos.

P1 - Dezoito anos. E aí, a senhora tem quantos filhos hoje?

R1 - Eu tenho dois filhos, um casal.

P1 - Desse casamento primeiro aí, né?

R1 - Isso, só uma vez que eu me casei (risos)...

P1 - Sei.

P1 - ... na época, só uma vez.

P1 - Só uma vez. E aí, a senhora, deu certo esse trabalho de sacoleira? A senhora começou a ganhar dinheiro, como é que foi?

R1 - Ah, comecei, né, que eu sempre eu ia na... nas fazendas, é... é... visitava os clientes, no meio da cana, né? Eu ia aonde o povo estava. Ia em São Paulo, comprava, sempre andei sozinha...

P1 - Sei.

R1 - ... o pessoal me ajudava, ia nesses bate e volta, né? Um frio, passava aqueles frios de inverno terrível.

P1 - Sei. E a senhora ia vender na fazenda, nas fazendas?

R1 - Ia nas fazendas, tinha um fusquinha, aí a gente comprou um fusquinha azul, eu ia nas fazendas, levava as mercadorias, né? Parava numa cliente e ficava ali fazendo a região, oito horas por dia, quatro de manhã e quatro à tarde, só parava uma meia hora só, para almoçar, levava marmitta, né?

P1 - E a senhora ia para que lugar, assim, para que região, que região aí?

R1 - Vinte e seis cidades na região.

P1 - Hã?

R1 - Vinte e seis cidades.

P1 - Vinte e seis cidades?

R1 - É, vinte e seis cidades. E me organizava da seguinte forma: cada dois dias eu ficava numa... eu ficava numa cidade e já me preparava, assim, ó: três dias em uma, três dias em outra, mas eu já, cada itinerário que eu fazia, eu já ia assim em três cidades, né, saía de uma, para aproveitar o combustível, saía em uma, em outra e em outra, entendeu?

P1 - Entendi.

R1 - Então, já... já tinha tudo agendado, certinho, para visitar as clientes. O dia do pagamento, eu tinha tudo anotado. Já pegava também os pedidos, né, os pedidos que elas estavam precisando, todas essas coisas.

P1 - Ah, muito bom! E... e nessa época a senhora morava onde, em Bauru? A senhora casou e foi morar onde?

R1 - Sempre aqui na Falcão.

P1 - Na Vila Falcão. Ah que legal.

R1 - Sempre na Vila Falcão.

P1 - Aí vocês construíram uma casa, alugaram, o que fizeram?

R1 - Uma casa muito boa.

P1 - É?

R1 - É.

P1 - A senhora construiu a casa, mandou construir?

R1 - Isso. Construindo, aterrando, eu mesma, né, eu... eu aterrando. Praticamente eu comprei só o terreno, né, e comecei a comprar material, chamava os amigos pra... chamava os amigos pra ajudar, né? É... Me davam entulho pra mim colocar, porque a casa é caída para o lado de baixo, né, o terreno assim caído, aí foi aterrando. Foi ao longo dos anos, né?

P1 - E já é essa casa que eu conheci aí, esta que a senhora está?

R1 - Oi?

P1 - Já era esta casa aí onde a senhora está?

R1 - Aqui, porque a outra, assim que eu me separei, ela foi vendida.

P1 - Sei.

R1 - Até, quando... quando foi vendida, eu não tinha casa ainda para sair de dentro da casa, aí eu fiquei procurando, orando a Deus para me ajudar. Aí eu encontrei essa casa de madeira aqui, foi Deus que me mostrou, porque o dinheiro que eu tinha na mão era pouco para comprar aqui no bairro mesmo, né, porque as minhas crianças estudavam aqui também na Falcão e eu não quis mudar para longe, né, porque talvez, se eu... se eu fosse para um outro bairro, talvez eu conseguiria uma casa melhor. Na realidade, quando eu comprei aqui, eu comprei só o terreno, né, só o terreno, aí comecei já a construir, comprar cimento, comprar cal, comprar pedra, né?

P1 - Certo. E como foi esta situação? A senhora se separou e ficou com os dois filhos para cuidar deles e tocar a vida?

R1 - Tocar a vida, né? E fiquei batalhando, eu sempre fui pessoa assim que eu gostava, eu fazia crochê e saía a vender, fazia faxina, sabe? Mesmo aqui na minha casa, quando eu abri aqui o comércio, eu fazia faxina para inteirar, para pagar boleto, porque era difícil, era muito difícil, né, até você ficar conhecida, pagar os impostos, né?

P1 - Entendi.

R1 - Nossa, passei também corte de luz, corte de água. Não era fácil, não. Eu tinha que trabalhar...

P1 - E aí...

R1 - ... trabalhar muito.

P1 - E a senhora trabalhava o dia inteiro nestas vendas aí, de sacoleira? E os filhos? Como que fazia pra...

R1 - De dia e de noite também. Se precisasse sair, por exemplo, visitar uma cliente sete horas, eu ia, os meninos iam comigo, eu falava: "Vamos", que eu nunca os deixei sozinhos não, a não ser na escola, né, e a gente ia junto. E a gente sempre acompanhou aquela criação dos pais, né? Assim, eu nunca fui pessoa de sair, sempre com os filhos, nunca tive esse negócio de deixar filho com ninguém, com mãe, com ninguém.

P1 - Ah, Tá certo. E aí, como é que a senhora fez para ir construindo a casa, continuou vendendo roupa, de sacoleira?

R1 - A trabalhar e ir comprando... Até esse meu filho mais velho, ele fala: "Nossa, mãe, lembra que você só pensava em comprar pedra e cimento e cal, né?" Comprava, guardava no quintal, para ir fazendo e fui fazendo de camada a casa, né, não foi feito tudo de uma vez.

P1 - Certo. E o trabalho, como é que evoluiu? Aí a senhora foi fazer o que, depois?

R1 - O trabalho? Ah, depois eu fui colocando aos poucos, né, a lojinha. Peguei, eu tinha um dinheiro que eu apliquei, na época, né, para fazer a... hoje, onde é o bar. Era aquele que dobrava né, o dinheiro, lembra? No passado? Dava noventa e nove por cento, foi aonde eu construí. Aí, desse lado de cá tinha uma árvore enorme na frente da casa, eu não consegui corta ela porque ficava caro. Então, tinha sempre uma árvore aqui onde é a garagem, até eu juntar esse dinheiro, para chamar um senhor para tirar essa árvore, demorou acho que mais de ano, viu? Era um tronco que tinha bem aqui no meio.

P1 - Certo. E a senhora abriu uma loja aí mesmo, então, uma lojinha aí?

R1 - Isso.

P1 - E aí, deu certo a loja, tinha bastante cliente?

R1 - Deu, porque depois virou bar, né? Era bar e loja, né? Lojinha de tudo, eu vendia tudo, eu sempre vendi tudo: linha, agulha, fazia papagaio para as crianças, furava a orelha da molecada, punha gelo atrás. Olha, cada coisa!

P1 - É... Isso foi mais ou menos... que época foi isso aí, 1980?

R1 - 1980.

P1 - 1980? Legal. Quer perguntar, Daiana?

P2: Deixa eu perguntar. Sim. Eu queria voltar um pouquinho, assim, ô Maria. Você disse que começou a trabalhar como sacoleira, né e onde você fazia estas compras, quais eram os produtos?

R1 - Lá na Vinte e Cinco de Março, eu ia lá.

P2: Que legal! Já tinha, então, nessa época, já tinha? Eu até suspeitei que seria a Vinte e Cinco, mas enfim, me conta, como que era isso, como que era essa organização das caravanas. Conta um pouco, por favor.

R1 - Isso. Ah, a gente parcelava até a passagem, né? Tinha um senhor que até hoje eu sou amiga dele, né? Ele já aposentou, ele chama 'seu' Rosalino, mas ele me doava mercadoria, me ajudava bastante, me apresentava lá, para os coreanos, para os árabes lá que vendiam meia, vendia bermuda, né, estas coisas.

P2: E qual eram os produtos que você mais vendia? Qual era a maior procura, assim?

R1 - Era roupinha popular: era bermuda; era Zorba, Zorba de criança, de adulto; calçola de senhora, aquelas grandonas, GG, que não tinha para comprar, né e elas também não saíam, né, das fazendas, para comprar. Então, eu fazia pacotinhos, tipo três por dez, entendeu, duas por cinco. Tanguinha para menina, né, trazia bastante, moletom.

P2: E o que seria Zorba? Desculpa, eu não sei o que que é.

R1 - Ai, zorba é essa cueca hoje, aquela Zorba, aquela Zorba de vista. Ai, cada cor! Sabe aquela Zorba que tem aquela vista, assim, aquela lá, todas as cores.

P1 - (risos) Tem uma aberturinha, eu sei.

R1 - É, essa daí mesmo.

P2: Eu não sabia.

P1 - E o seu público, Dona Mi, como que era o público? Vendia para quem?

R1 - Olha, você chegava nas casas das clientes, você almoçava, davam galinha, dava mandioca para você trazer, sabe aquela pessoa amiga? Davam o pacote de dinheiro para tirar aquela quantia. Olha, era sensacional, viu? Sensacional.

P1 - E a senhora entrava com o carro dentro das fazendas, podia entrar lá dentro das fazendas?

R1 - Dentro das fazendas, entrava com o carro dentro da fazenda, é... cachorro vinha atrás, vinha (risos) cavalo para morder. Horrível.

P1 - E quando a senhora estava nas fazendas, a lojinha ficava com quem tomando conta?

R1 - Fechada, fechada, fechada. Era para aumentar, né, a venda.

P1 - Sim, sim. E mas...

R1 - Por exemplo: se eu precisasse de X e eu não conseguia inteirar naquela semana, eu já arrumava uma faxina e ia trabalhar, para inteirar aquele dinheiro, que eu ia ganhar rápido, né e eu tinha certeza de que eu ia ter ele na mão, do que esperar vender. Entendeu? Então, era dessa forma, que sempre funcionou assim.

P1 - E a lojinha... e a lojinha durou até quando, a senhora ficou com essa loja aí por quanto tempo?

R1 – Ah, eu fiquei um bom tempo, vii, porque depois eu fui virando aos poucos, sabe, mas uns cinco ou seis anos eu fiquei.

P1 – Sei.

R1 - Mas eu já, assim, na... na... na oportunidade que eu tinha, tinha um ponto de ônibus em frente aqui da minha casa, que era da Cesp. Então, o que eu fazia? Bolo de fubá, um suco, uma pinguinha, entendeu? Assim que eu fui virando. Uma Coca, né?

P2: Aquele tipo café da manhã, né?

R1 - Isso, bolinho.

P2: É muito comum aqui em São Paulo, tipo que as pessoas, vocês acordam antes ainda do pessoal que sai para trabalhar e muitas pessoas moram muito longe, né? Então, por exemplo, a experiência de São Paulo: tem que atravessar a cidade para chegar no trabalho sete da manhã, chega um pouquinho antes, toma um cafezinho. E aí, você vendia bem, como que era?

R1 - Ganhava caixinha, né, porque eu sempre fui boa cozinheira, né, porque a gente trabalhava nas casas dessas pessoas assim, que tinham mais... mais condição que a gente, né? Então, a gente aprende a fazer tudo na cozinha e bem feito, né? E também a gente não tem aquela tradição de nordestina, né: é farofa, é bolo de fubá, pão caseiro, né? Então, a gente já tem aquela mão para isso, né?

P2 – Que legal!

P1 - E aí, como é que foi a evolução disso aí, para o bar, para chegar no bar, que é grande hoje o bar da senhora, né, tem bastante coisa para comer, tem de tudo aí.

R1 - Eu sempre tive essa mania de, assim, de pensar muito antes de fazer. Até agora, que nem tem tanta necessidade. E também por causa da vida, né, que a gente não tem muita alegria, por causa dos fatos que aconteceram, a gente sempre sofreu, eu já contei esta parte para você e Natal, Ano Novo, eu trabalhava no diferencial, ou seja: sábado, domingo, procura um bar, Mimi. Até hoje, chega na Falcão e fala: “Onde tem um bar decente, que eu posso sentar, que eu posso conversar, onde que pode ser?” Mimi, eles já me indicam. Pode chegar na Falcão e perguntar, modestamente dizendo, né? Aí, que nem agora, chegou uma turma aí, que você está vendo a dificuldade, não entende, tal, você explica, mas eles querem um figado, cebola, eles querem porção de calabresa, não tem e vai rolando o dia, você entendeu?

P1 – Sim.

R1 – Ainda hoje é dessa maneira: um pão, ovo frito, né? Não sei se deu para vocês os escutarem aí, né?

P1 – Sim, sim.

R1 - Eles têm fome, vem aqui, já vem com o pão e quer que eu frito, quer que eu já faço lanche, o torresmo. Sempre eu tenho, né, porque eu vou fazendo mesmo para gente, né?

P1 – Certo.

R1 - O almoço, que eu tenho a cozinha aqui do lado, né, consigo fazer a cozinha, sempre foi dessa maneira.

P1 – Legal. E os seus filhos... seus filhos, Dona Mi, a senhora ficou com eles sozinha, quando eles eram criança, mas a senhora botou eles para estudar, né? E como é hoje, eles são formados?

R1 - É formado, né, o Michel é advogado e a Michele é cozinheira, formada em Administração.

P2: Dona Mi, desculpa é... e como foi, assim, o processo, eles também trabalhavam com a senhora? O nome deles, você pode repetir, por favor?

R1 - Eu fiz o que minha mãe me ensinou, é... eu coloquei o Michel com dez anos para trabalhar, numa lanchonete em frente a ITE. É até coincidência, né, porque ele depois veio a estudar na ITE, né?

P2: Que legal!

R1 - Tinha uns amigos da gente, que ele tinha um carrinho de cachorro-quente e vendia lá na frente. Então, precisava de um garoto para limpar as mesas, servir, entendeu? E depois ele vinha trazer o Michel aqui em casa e era parte da noite e a parte do dia eu o ajudava ele a fazer as partes da escola, né? Às vezes eu ia trabalhar, eu ia aqui numa família japonesa que tinha a... acho que a Barsa, a Delta-Larousse, tinha bastante informação, eu que ia lá fazer, o... pegar né, a matéria, para ele não precisar. Às vezes ele queria descansar um pouco, né? E me ajudou bastante, porque ele aprendeu a trabalhar, né?...

P2: Legal.

R1 - ...ele conheceu as pessoas, né e sempre com aquela disciplina: eu ia levar, ia buscar, sempre tinha alguém para levar, para buscar, nunca foi de rua, nada disso, as regras aqui dentro de casa foi da mesma maneira que meus pais me ensinaram, né? Nunca tive problema com nenhum dos dois. Sempre dessa maneira.

P2: E você... E você, Dona Mi, no caso, foi mãe solo, né, você cuidou do Michel e da sua filha sozinha?

R1 - A... Mas a gente era feliz, vii, porque eu pegava e fazia uma sacola e nós íamos passar o dia lá no Zoológico. Aí eu levava comida, levava bolinho, levava pipoca estourada, suco na garrafa, passava o dia lá. Na hora que fechava, às cinco horas, eu pegava o ônibus de volta, que o ponto final aqui é pertinho de casa, né?

P2 – É, a senhora comentou.

R1 – Ia para casa. Era essa. E aí, chegava lá, eles ficavam correndo, vendo bicho. Ah, eu sempre fui, teve essa vida. Depois foi melhorando também, eu conheci umas amigas, uma era enfermeira, né e ela era sócia, assim, de... de pousadas, né, eles tinham direito a um desconto. Aí encontrei um amigo meu também, que é aqui do bairro, é o Paulo, ele tinha uma van, aí a gente, é... em três, contratou a van para a gente ir conhecer o mar, levar as crianças para conhecer o mar. Aí a gente foi, só que lá a gente não podia, assim, comprar porções, nada. A gente comprava mortadela, fazia lanche lá na pousada e levava e passava o dia inteiro na praia lá. Aí a noitinha a gente vinha embora. A gente ficou uma semana a primeira vez. Aí a segunda já foi melhorzinha, a segunda vez que a gente foi, a gente já pôde, assim, comer uma porçãozinha, né, passear lá na praia, né, comer um lanche, chupar um sorvete, mas a gente dividia em três amigas, né? Então, não pesava para ninguém, porque a gente pagava o ano inteiro esta viagem.

P2: Uhum.

R1 - Então, eles conheceram o mar assim, né? Eu sempre falo para o meu filho e ele fala: “Mãe do céu, não quero mais esse programa de índio”. Ah, mas é o que valeu a pena, né, na infância, né?

P2: Que legal. Então, você sempre que sobrava um tempinho, Dona Mi, você levava eles para se divertir, era esse... o modo como vocês se divertiam?

R1 - É, circo, parque e aqui também tinha um programa que era um samba que tinha, Caminhão Palco, que era um prefeito que fazia. Ah, eu levava os dois, nós íamos para o Caminhão Palco. Era todo sábado... todo sábado não, todo domingo à tarde. Aí nós íamos, comprava pipoca,

sorvete, né, depois vinha para casa, né? Dava risada bastante, né, encontrava bastante amigas, né? Mas os dois, né, um de cada lado a gente ia.

P2 – Onde ficava o Caminhão Palco, nessa época af?

R1 – Aqui na Vila Falcão. Cada dia era em num lado, né?

P2 – Ah, cada dia era uma rua?

R1 – É, ficava na Vila... aqui na Vila Bela; outra hora era aqui do lado, no campinho; outra hora era aqui embaixo, né, na Mocidade.

P1 – Sei. E a senhora... a senhora gostava de samba também, de música?

R1 – De samba sempre gostei.

P1 – Porque a Vila Falcão, ela tem bastante tradição no samba em Bauru, não tem?

R1 – Tem, tinha bastante shows, né?

P1 – A senhora participou? A senhora ia lá ver?

R1 – Ah, não, não dava, não.

P1 – Não dava tempo. (risos)

R1 – Não dava. Não dava, não. Muita canseira também, né?

P1 – Sim, entendi. E, Dona Mi, e... a sua filha se formou em Administração?

R1 – É.

P1 – E seu filho Direito, né?

R1 – É, acho legal.

P1 – E o que a senhora sentiu quando viu que eles conseguiram entrar na faculdade e que eles iam se formar? Porque a senhora teve uma vida difícil, como contou, né? Aí a senhora... conta um pouco assim, se é possível a senhora assim falar sobre o sentimento que deu.

R1 – A gente fica muito gratificada de saber que não foi em vão à luta, né? A educação que a gente deu, as oportunidades, as sacolas que eu carreguei nas costas, a luta, né, que foi uma luta mesmo para conseguir. De disciplina, de orientação, né? Então, a gente tem muita, assim, paz no coração de saber e aquela certeza do dever cumprido. Porque o que mais, assim, eu tinha medo de virar bandido, né? De você, assim, que nem essas crianças de hoje que desacata pai, não tem educação, vai para a rua. Que eu fico ouvindo isso o dia inteiro, né? É... Eles enfrentam os pais, fumam droga, não estudam, né? Isso porque a desculpa é que a mãe mora sozinha, mas acho que o maior exemplo, é os pais, porque eles prestam muita atenção mais no modo de agir, do que com o que fala, né? Porque a expressão maior é a maneira, né, da disciplina da família, quem você é, o seu nome no bairro, né? Agora, se você é uma pessoa que dá maus exemplos, começa de pequeno, o filho já está olhando, né? O filho vai para a rua, você não sabe onde está e depois, quando está maior e você vai atrás, não consegue mais dominar. Agora, se você... eu sempre brincava com meu filho: “O portão fecha aqui dez horas da noite” e às vezes ele ficava sentadinho na calçada e os amiguinhos batendo bola, aqui tinha aquele negócio de chutar bola na frente de casa, né? Então, eu nunca tive esse negócio de criança... até hoje eu sou meio sistemática, por causa dessa criação dos meus pais, de entrar na casa das pessoas, não tem esse negócio de papo. “Oi, tudo bem? ”, a gente conversa, mas não sou de ir na casa de ninguém, eu não tenho esse tipo coisa. Então, isso aí serviu muito, viu, foi de muita ajuda essa maneira da gente... da gente assim, dominar a situação na época, né?

P1 – Certo. E com... e a sua filha se formou em Administração e ela tem um negócio de cozinheira hoje em dia, ela é cozinheira?

R1 – Aí, depois da Administração, ela já pode pagar ela mesma, né esse... cozinheira, esse curso, né? De Gastronomia.

P1 – Sei. Ela trabalha com a senhora ou _____ (41:53)?

R1 – Oi?

P1 – Gastronomia.

R1 – É.

P1 – Ela trabalha com a senhora ou trabalha para fora?

R1 – Não, não, ela trabalha aqui em casa mesmo, né, mas olha, por incrível que pareça ele está até bravo lá. Parece que é uma coisa, você combina, mas não sai como a gente, assim, pensa, né? Até ele está lá na frente com os clientes, parece que todo mundo hoje inventou de vir.

P1 – De vir af?

R1 – Ele está lá, mas eles não gostam de bar.

P1 – Sei.

R1 – Eles falam: “Mãe, tem que ter muita paciência, é psicologia”, porque é difícil, né?

P1 – É, tah certo?

R1 – Você sabe, ainda mais nos dias de hoje, parece que o povo enlouqueceu, enlouqueceu.

P2 – Queria perguntar. Eu queria perguntar justamente isso, Dona Mi. É... A senhora agora tocou nesse assunto, de... é... de ser dona de bar, a gente sabe, né, a senhora começou a trajetória fazendo... como sacoleira, né, ou seja, já teve esse contato com o cliente. E como é para a senhora ser uma mulher dona de bar, como que é? Que a gente sabe que tipo, bar, boteco, geralmente são homens, né? E tem aquela coisa do respeito por a senhora ser mulher. Como que é, como a senhora conquistou esse espaço e conquistou esse respeito, assim? Porque eu vi que o bar da senhora tem a nota segundo o Google, é alta, quatro ponto três. É um bar bem frequentado, todo mundo fala bem. Como a senhora construiu essa... esse nome?

R1 – Quando eu era novinha, magrinha, bonitinha, né, com dois filhos. Assim, por incrível que pareça e modestamente dizendo, as pessoas vinham e me pediam em casamento: “Nossa, eu preciso de uma mulher dessa para trabalhar, para me ajudar”, né? Eu era bonitinha, só que a gente nunca viveu de ilusão, né, porque a gente teve um casamento que não deu certo, foi uma coisa assim tão, né, repentina, né, porque você faz um futuro para você e de repente as coisas, as pessoas pensam diferente, né? Que você não quer separação, você não quer acabar com a família, não é? Você tem que, é... assim, se ver em uma situação nova. Então, você passa a ter medo, você passa a observar. Então, o que que eu fazia? Eu nunca desfiz de ninguém, né? Então, eu falava: “Quem sabe um dia”, né? E sempre naquela disciplina. Eu nunca fui uma mulher de conversa em esquina, papo furado eu não gosto até hoje. Já vou deixando bem claro e olho no fundo do olho da pessoa e já, né, dá aquele breque, aquele choque, porque tem esse diferencial de pessoas que se jogam, né, aquela... aquela total diferença da gente, né? Então, sempre já foi assim, até sou conhecida como a mulher brava aqui na Vila Falcão. Que não gosto de brincadeira, não gosto de piada, eu gosto de respeito, porque aqui é a minha casa, né? Então, a gente conseguiu colocar, nessa época, esse respeito. Aí você já passa a ser uma mãe, né, já passei dessa etapa. Agora eu estou para avó e bisavó, agora, né, que eu já estou com mais de sessenta anos. Então, as pessoas vêm e já vêm desabafar, vêm conversar. E, na época, também, eu precisei muito. Eu tinha ajuda do DAE, eu tinha ajuda da CPFL, né, que sempre foi uma vida cheia de problemas, eu

sempre tive problemas, né? Mas eu tive muita amizade. Pessoas que, assim, depois da cantada, passou a ser meu amigo, meu amigo de verdade, né? Até tem um senhor aqui, que essa semana ele veio aqui perto, cliente do meu filho, ele tinha um mercado na época, né? Então, eu, eu... sempre quando eu o vejo, eu falo: "Muito obrigada". Sabe o que ele fala? "Pára, pára de ficar falando de passado". Porque eu precisei muito de cesta básica fiado e ele vinha me trazer com uma... ele vinha me trazer com uma caminhonete o que eu precisava. Aí eu saía, ia trabalhar e passava dois, três dias, eu pagava essa cesta básica e ele falava: "Pára, pára, você está aí trabalhando e vou deixar uma semana para você pagar". Falei: "Não, eu quero pagar já", que eu nunca gostei nada fiado, meu pai ensinou também isso para a gente. Não compro nada para dever, nada para passar vergonha, né? E com isso a gente foi angariando o quê? Amizade, né? Então, eu tenho muita amizade. Hoje eu participo do quê? De programas beneficentes aqui no bar, eu mesmo que faço, quer seja dinheiro, quer seja doença, você entendeu? Qualquer... roupa, fôgão, cama, colchão. No Natal eu faço uma mesa aqui para o pessoal, assim, que fica triste, que perdeu a família. Também apronta o ano inteiro e chega no dia de Natal e ninguém convida para nada, né? Então, a gente deixa comida aí, eu sempre eu ganho uma leiteira, que também é outro amigo que vem e traz. Fala: "Mí, eu sei que você faz. Ó, serve aí para quem tem fome". Então, com isso, a gente foi pegando o quê? Amizade, né, respeito. Sempre que tem um problema: "Vai lá na Mí, que ela vai te ajudar". E foi melhorando a situação para mim nesse sentido, né? Conseguindo também oportunidades, né?

P1 – Então, Dona Mí, a senhora começou... o bar, o... a lojinha virou bar?

R1 – É.

P1 – Em que ano, mais ou menos, a senhora lembra que ano que foi que virou bar?

R1 – Provavelmente em 1990, né?

P1 – Que virou bar?

R1 – É, 1989. 1989, por aí.

P1 – Sei. Mas hoje...

R1 – Não sei, não tem documentação, né, porque eu trabalhava nos bastidores, né? Fui construindo, fui fazendo, né?

P1 – Mas e hoje? Hoje eu sei que o bar da senhora é muito frequentado, tem bastante gente que vai aí, hoje a situação da senhora melhorou, né, com esses almoços que a senhora faz.

R1 – Isso, os meninos também ganham para eles, eu me casei novamente, né? Então, melhorou bastante. Aqui todo mundo trabalha, né?

P1 – E qual que é a estratégia da senhora para ganhar dinheiro? A senhora faz almoço, faz reunião com churrasco, como é que é?

R1 – Para ser sincera, eu não estou mais nem assim com esse negócio, estou esperando a minha aposentadoria sair. Porque eu já trabalhei tanto, já fiz tanta feijoada, já cozinhei mocotó nessas latonas de tinta de... essa casa minha de madeira eu queimei no mocotó, viu? Eu punha a madeira para cozinhar o mocotó e ficava vendendo. Cerveja, porque daí a turma vem, né, tem comida diferenciada, vem, né? Hoje eu faço torresmo, que está parado, por causa desse negócio de abre e fecha, né, no momento estou meio parada. Só que, eu não... assim, eu não fui muito prejudicada porque eu trabalhei Natal, Ano Novo, eu não tirei férias ainda, entendeu? Então, eu dobrei o ano e fui indo, entendeu? Desde que começou eu nunca fechei o bar, porque nós temos agora o terraço lá em cima, né?

P1 – Sim.

R1 – Então, a gente atendia lá, só a diretoria, é lógico, né?

P1 – Conta como a senhora teve essa ideia. A senhora construiu um segundo andar para fazer reunião especial das pessoas lá em cima.

R1 – Não é um lugar diferenciado, né, porque é bem pequeno o bar, não é tão grande, para pôr mesa, essas coisas, né? Então, lá é organizadinho e também, quanto aos clientes também é diferenciado, né? Não são pessoas que, né, não são pessoas que entram para dentro da casa da gente, tem uma outra educação, né? Não é para pessoas que passam, né, na rua, né? Só clientes da gente, né? Já faz a reserva, né?

P1 – Aí a senhora cobra a entrada ou a pessoa paga o que comer e o que beber? Como é que é?

R1 – Paga o que comer, o que consome, né? Aí sempre tem é... reuniões, reuniões de aniversário, reuniões de família, né?

P1 – Sim. E o que que sai mais? O que a senhora gosta de fazer, que a senhora vê que o pessoal gosta de comer mesmo aí, que que é?

R1 – Ah, a tal da moelinha, né?

P1 – Moela? Hum... Moela que que...

R1 – Tal de Moela, mocotó, caldo de mocotó e torresmo.

P1 – Ah, muito bom.

R1 – É, porque, até porque é difícil de vender, né? Geralmente, com esse negócio de light e diet, as pessoas querem saladinha, alguma coisa mais, né, leve. E sempre vai ter aquele pessoalzinho que anda atrás de um copo de mocotó, um copo de caldo de mandioca, um copo de caldo de feijão, né, um torresmo bem feito.

P1 – E durante a semana, durante a semana vende mais cerveja, mesmo? Cerveja, pinga, porçãozinha? Como que é?

R1 – Pinga, refrigerante, Tubaina, que tem bastante pedreiro, né, por aqui.

P2 – E a senhora faz almoço na semana, como que é o cardápio, né? O que você...

R1 – Dia de semana não estou fazendo mais, porque a gente estava fechado, né?

P2 – Uhum.

R1 – ...tava fechado... Aí começou abre e fecha, porque aí a prefeita entrou, conseguiu abrir os bares, né, mas a gente estava trabalhando nos bastidores, né? A gente não estava, é... assim, podendo colocar mesa na frente do bar, né?

P2 – Uhum. Estava com mais restrição, né?

R1 – Isso. Agora ela conseguiu uma liminar, aí como... colocando o bar como essencial, né?

P1 – Certo.

R1 – Porque tem outras pessoas que pagam aluguel, né? E como que vai fazer para pagar? Vender e trabalhar, de que maneira?

P1 – Sim.

P2 – Entendi. E aí agora a senhora está trabalhando dessa forma. Assim, a senhora trabalha com delivery também, entrega na região?

R1 – Ah, sim, fazia churrasquinho com a turma aí e vai vendendo cerveja, né? Latinha, cerveja. Latinha...

P1 – Qual que... qual que é o dia melhor para a senhora do comércio, o melhor?

R1 – Ah, é sábado e domingo, né?

P1 – Melhor. Sábado e domingo.

R1 – Sábado e domingo.

P1 – Mas a senhora nunca fecha, né? É de segunda a segunda, né?

R1 – Ah, não. Domingo agora eu fechei, que eu fui para uma cachoeira.

P1 – Ah, foi?

R1 – Mas é lá uma vez ou outra.

P1 – Entendi. Sim. E me conta uma coisa...

R1 – Oi.

P1 – Dona Mi, a senhora se casou de novo, né?

R1 – Isso.

P1 – A senhora se casou de novo. E o seu marido trabalha junto com a senhora? Ajuda a senhora?

R1 – Não, ele trabalha na Madeiranit, ele faz entregas de Madeiranit.

P1 – Ah, entendi.

R1 – Só vem à noite, ele não vem nem almoçar.

P1 – Ah.

R1 – Ele sempre gostou de caminhão, né, ele trabalha como motorista de caminhão.

P2 – E como que foi, Dona Mi, conta um pouco como foi conhecê-lo, como vocês se conheceram. Você falou que foi casada uma vez só, né, aí não deu certo. E como foi? Você recebia propostas e não aceitava. Como foi esse segundo... esse segundo relacionamento, como está sendo, como que vocês se conheceram? Conta um pouco, por favor.

R1 – Olha, devido ao sofrimento, foi preparado pelo Senhor, porque ele apareceu aqui na frente, não foi em nenhum lugar que eu conheci.

Entendeu? Sabe, você acredita em amor à primeira vista? Eu já estava desacreditada do amor porque, né, já tinha passado o que eu passei. Aí, olha, foi uma coisa por Deus. Até hoje eu falo. Sabe uma pessoa que combina com você em tudo? Ele gosta de pescar, eu gosto; ele gosta de cachoeira, eu gosto; gosta de nadar, eu gosto, sabe? Não sai de casa, que é o que eu mais temia, é... é... temia, né? Sempre comigo aqui no bar, ele chega, ele me ajuda até dez, onze horas, nós estamos aqui no bar. Sábado, domingo, feriado. Às vezes eu falo: “Você não vai dar uma saída com os seus amigos?” Ele fala: “Ah, não, se você não vai, eu também não vou”. Então, é uma coisa que foi Deus, mesmo. Só tem uma explicação, foi Deus. Viu, foi Deus que preparou, acho que ouviu as minhas orações, com certeza.

P1 – Certo. Ô Dona Mi, quando a senhora não está trabalhando, a senhora gosta de fazer o quê? A senhora já falou para mim: gosta de passear, tem umas prainhas de rio que a senhora vai. Conta como é que é.

R1 – Ah, nós vamos para a cachoeira. Cachoeira, pescaria, a gente adora, é mata, né, andar na mata. Ah, é muito bom a natureza!

P1 – E vai os filhos? Filho vai junto?

R1 – Que foi?

P1 – Vai os filhos junto?

R1 – Não, não gosta, não, não gosta de pernilongo, não gosta de nada, de mata, não. Fala que é programa de índio, só vai eu e ele.

P2 – E quanto tempo vocês estão juntos, Dona Mi?

R1 – Ah, já vai para mais de vinte anos, né?

P1 – Nossa!

P2 – Ah, que legal!

P1 – Dona Mi, e o ano passado, com a pandemia, o que a senhora fez, pra driblar a pandemia?

R1 – Oi?

P1 – Como é que a senhora fez o ano passado com, a pandemia? Porque isso acab...

R1 – Ah, eu fechei as portas e fiquei trabalhando lá em cima.

P1 – Sei. Vendia para fora? Vendia para quem vinha buscar?

R1 – Lógico, vendia, fazia churrasco, espetinho. Normal, porque eu trabalho com tudo, né? Óleo, eu trabalho com cigarro, eu trabalho com arroz, com feijão, com macarrão, com miojo, com vinagre, massa de tomate, tudo, né, farinha de trigo. Então, eles já ficam na minha casa, batendo palma aqui.

P1 – Sei. A senhora vende para a pessoa da sua casa?

R1 – Isso, ó. O faturamento diminuiu, mas eu vendo muito, né? Um ovo...

P1 – A senhora não fica com medo, não?

R1 – Oi? Nunca tive medo de nada.

P1 – Nunca(?) (risos)

R1 – Quem tem medo não é feliz.

P1 – Sim, entendi. E... e para o futuro? Dona Mi, como é que... a senhora imagina, o que vai fazer, a senhora pretende ampliar mais o tamanho do bar?

R1 – Não. Eu pretendo fechar. Chega já, que já estou de idade, cansada já, muitas dores, agora eu estou com uma dor no braço.

P2 – Mas, Dona Mi...

R1 – Oi?

P2 – É... a senhora falou que pretende se aposentar e fechar, né?

R1 – É.

P2 – Mas o bar da senhora é bem famoso. Você não pensa em passar o ponto, para meio que perpetuar esse reinado? Como que é? Tem gente já de olho no ponto da senhora? Como que é?

R1 – Olha, você tem que encerrar com chave de ouro. Porque? As pessoas não têm a sua maneira de trabalhar. São pessoas que recebem pessoas diferentes, né, que eu só fico assim, ó. Tem até quem tenta a sorte aqui comigo, né? Corrido de um, corrido. Não querendo ser melhor do que ninguém. É briga, é facada, é enxadada, porque as pessoas estão estressadas, você entendeu? E se você não manteve aquela linha, né, aquele padrão de respeito, não consegue mais. Você aluga para uma pessoa, alugou, você perde o direito, né, você perde o direito de... assim, de não gostar das pessoas na frente da sua casa, esse tipo de pessoas na frente da tua casa, né, assim, com outros pensamentos diferentes do seu, entendeu? Não discriminando. Entendeu? Outras atitudes, né? Então, sendo assim, é melhor você talvez alugar para uma imobiliária ou escritório, não é? Algo assim. É melhor do que você ficar deixando as pessoas na frente da sua casa, porque eu mesmo já me encontro com dificuldade

desse tipo de coisa, né? Porque dominar é cansativo, viu? Você tem que mandar calar a boca, tem hora que você tem que dispensar, né? Não é fácil.

P1 – E os filhos? Os filhos não querem pegar o bar, pra... pra ganhar dinheiro?

R1 – Mas nem quando é... quando eu estou aqui eles querem, quanto mais para frente, ninguém gosta, não. Ninguém gosta, não nasceram para isso. Porque não é fácil, não.

P2 – E como seus... como seus clientes receberam isso? Você já vai preparando? “Tal ano eu vou me aposentar”. Como que eles estão lidando com isso?

R1 – Já estão tudo chorando, falam que não tem nenhum bar igual, chamam eu de tia, né? “Ai, pelo amor de Deus, vai acabar tudo para nós, vai acabar o almoço, vai acabar...” Porque eu tenho aquele negócio de guardar coxinha, eu guardo, sabe? A pessoa toma o refrigerante, eu guardo a metade para outro que vem atrás. Tem um arroz, tem um feijão, eu vou lá e coloco, um macarrão. Eu fico dividindo, né, porque é isso aí que a gente aprendeu. Não é? Eu acho que as pessoas... eu sou muito esse negócio. E o que eu quero fazer? As pessoas falam: “Ah, você não vai é...” - eu sempre gostei de andar, né? - “se acostumar”. Eu falei: “Nossa, mas tem tanta gente para visitar, tanta gente para você ir atrás, é de médico, é de pessoas”. Que eu tenho muito essa... essa cara e lá nos gabinetes dos vereadores que prometem as coisas, eu vou lá pessoalmente buscar o que ajuda, que é uma cirurgia, né, um remédio, uma atitude, né? Eu vou lá pessoalmente, tudo amigo meu. Olha quanta coisa que você tem para fazer, quanta gente você tem que visitar, né, um monte de palavras para falar para as pessoas. Não é assim? Pessoas precisando de Deus, pessoas... as pessoas estão desacreditadas, né? Então, você tem um monte de... cursos que eu gosto de fazer, crochê, tricô, um monte de coisa. Eu adoro estar nesses lugares! Porque quando houve esse... esse... problema com a minha mãe, eu fui até na informática, iniciar um curso de computação, para eu comprar um computador para mandar e-mails, né? Que foi também uma parte pesada da minha vida, que foi essa parte aí que eu vivi, há quatorze anos atrás.

P1 – Sim.

R1 – Então eu só tive... eu só tive, assim, muito, muito, muito sofrimento. Sabe, eu nunca vivi para mim, eu nunca... eu nunca tive umas férias, nunca, sempre trabalhando, trabalhando. Na hora que você pensa, acontece um problema, né? Então, sempre foi isso aí.

P1 – Mas hoje em dia a senhora já está mais sossegada, né? O bar está com uma boa frequência, está dando dinheiro.

R1 – Eu já posso me programar, né? Você entendeu? Agora, quando eu vou me programar? Porque, por enquanto, eu ainda com... no sessenta, eu ainda posso andar, posso ir em algum lugar, né? Mas com mais idade, talvez já não, né, com esse monte de dor na perna. Na perna, no braço....

P1 – E quando que a senhora...

R1 – Oi?

P1 – E quando que a senhora vai se aposentar? Quando que vai ganhar a aposentadoria?

R1 – Não, já era para ter saído, mas com esse negócio de covid aí, atrasou tudo.

P1 – Entendi.

R1 – E até, também, já era assim, para eu ter me aposentado com cinquenta e pouco anos, porque tinha um senhor que fazia a documentação pra gente, é... uma documentação pra gente, ele sumiu com meus pagamentos, sabe? Meus pagamentos de INSS e era tudo falsificado. Aí depois ele, quando ele se viu doído aqui na Vila Falcão - ele fazia o meu e fazia das outras lojinhas também - aí ele se matou. Aí a gente ficou com a documentação toda atrasada, uns não era, ele não tinha, o recibo que ele deu era falso do INSS, dessas coisas que a gente pagava. Entendeu? Tudo isso daí aconteceu.

P1 – Entendi.

R1 – Aí começou de novo, a pagar novamente, tudo essas coisas. Foram anos, viu? Acho que tem uns sete anos de pagamento aí que era falso.

P1 – É. Mas agora está tudo certo para a senhora conseguir a aposentadoria logo mais, né?

R1 – Ah, sim. Tá, com certeza.

P1 – A senhora chegou a usar caderneta? A senhora sabe que antigamente no comércio tinha muita caderneta, né, de anotar o cliente. A senhora chegou a usar isso?

R1 – Eu tenho até hoje.

P1 – Ah, tem? (risos)

R1 – Tenho. Tenho cliente de trinta anos que compra.

P1 – Paga por mês, né?

R1 – Paga certinho, me dá até o dinheiro na mão. Eu tenho... Até ontem eu ia saindo, ele veio trazer duzentos reais, eu tenho até que somar a caderneta dele, que ele já sabe - bate certinho, sabe? - Já sabe o quanto ele gastou, porque nunca tive esse problema. Que você recebe junto, a pessoa acho que talvez marca em casa e eu marco aqui. Aí ele já sabe, vem com o dinheiro, paga e tudo bem.

P1 – E a senhora sempre aceitou cheque, cartão? Cartão de débito, de crédito?

R1 – Não, agora, né? Crédito eu não gosto muito, não, só débito mesmo.

P1 – Sim, entendi. Bom, e o que que a senhora diria para a gente, o que a senhora aprendeu com toda essa garra, com todo esse trabalho, durante todo esse tempo? O que a senhora poderia deixar para os outros ouvirem da sua vida?

R1 – Olha, eu posso deixar para as pessoas que você tem que se determinar. Tudo o que você se empenhar no máximo, você vai alcançar o seu objetivo. Para isso você precisa ter fé, determinação, né e confiança em Deus, né? E, por último, aplicar, né, todo o seu conhecimento, toda aquela força e fé que você tem, que você vai conseguir o que você quer, né? Isso é até meio que psicológico, né? Se você pensa positivo, você vai realizar dentro de você primeiro, né, o que você almeja e depois se realiza, no dia-a-dia.

P1 – A senhora acha que, no passado, era mais fácil fazer a vida ou hoje? Qual que é...

R1 – No passado era muito difícil. Não tinha prédio, não tinha nada para a gente, não tinha, não tinha. Hoje não, hoje está muito fácil. Cursos, só não estuda quem não quer. Só não aprende na vida quem não, que dentro dele ele não quer, né, porque você sai vendendo. Você vê pessoas que se formam vendendo água na rua, vendendo isso. Lógico que ele não vai ficar só na água, mas por de trás ele deve ter assim, uma economia de guardar aquele dinheirinho, ele tem uma outra parte dentro dele, não é só ir lá e vender. Você imaginou quanto que essa pessoa que anda, que busca, né, dentro dela, a economia que ela faz dentro dela, as vontades que ela passa, talvez de passear, de comprar algo, né? Ela vai lá vende, é doce, qualquer coisa que a pessoa pega, ela tem que ter uma administração por de trás. Porque não adianta nada vender e não saber guardar e aplicar também, né?

P1 – Tá certo. E a família da senhora, como é que está hoje? Os seus... o seu filho está trabalhando como advogado, ele já tem filhos? A senhora tem netos, né?

R1 – Não casou não, só eu.

P1 – Ah, é?

R1 – Só eu. Está aqui com a mamãe.

P1 – (risos) E a senhora não tem neto, então? Ainda não?

R1 – Não, até porque eu já os assusto, eu falo que não adianta trazer neto não, que eu não vou olhar, não. Cada um com seus problemas, né? Cada um com seus problemas, que eu já sofri tanto, deixei de ir em tanto lugar que eu queria, né, para olhar os filhos. Ah, tem que ir até o fim. Então, agora é cada um com seus problemas, eu falo. Apesar que eles têm boa ação de passear, de liberdade, né, eles também não foram muito para esse lado de casamento, não.

P1 – Ah, entendi.

R1 – Sofrimento, né? Nada como ser livre no dia a dia, né?

P1 – Sim. A senhora... A gente deixou de perguntar alguma coisa que a senhora gostaria de dizer? Sobre...

R1 – Não, não, não.

P1 – Perguntamos da vida int... .

R1 – Eu falo sempre que não tenho muita coisa para falar, a não ser trabalho, né, trabalho e luta.

P2 – Ah, mas é uma história muito interessante, Dona Mimi, a história da senhora. Toda a história é de luta, né? E tudo o que retornou de bom para a senhora. A senhora teve uma... uma trajetória muito importante. Quando a senhora fala de trabalho, a gente percebe o que essa trajetória de trabalho trouxe para a senhora de frutos, né? Tanto agora, com seu bar, quanto na criação dos seus filhos e agora dos seus netos, né?

R1 - ____ (1:09:05), né, bem? Porque, olha, para você ter uma ideia, olha, eu tive problema com a vizinha do lado. A gente, assim, os antigos diziam negócio de inveja, negócio de a pessoa te prejudicar gratuitamente. Eu tive uns vizinhos que fizeram até abaixo assinado para tirar o bar. Sabe por quê? Porque eu gosto de conversar, as pessoas vinham até a gente e desabafava, conversar, né? As pessoas, sempre, eles fazem um mal testemunho, né? Até hoje o meu marido fala: “Ô, Maria Aparecida, vai lá você falar, porque você fala bastante e eu não sei falar, vai lá falar com tal pessoa”. Por que a pessoa te procura? A pessoa quer ouvir, é...quer ser ouvida, entendeu? Então, é muita luta, as pessoas passam, assim, a querer puxar o teu tapete. Então, eu tive problema com a vizinha do lado, com esse vizinho e todos, todos eu tive uma vitória, assim, da parte do Senhor, entendeu? Da minha mãe também foi da parte do Senhor. Que a gente não pode ficar falando em testemunho, essas coisas grandiosas, até porque nem acontece, a maioria das vezes é encenação, né? Mas eu posso falar para você que Deus esteve na minha frente e me deu a vitória, mas eu tive que largar tudo e ir para cima, mesmo. Não foi uma coisa contada, não foi uma coisa de novela, que eu até ouvi isso, viu, essa palavra forte aí. “Você está assistindo muita novela”. Viu? Eu ainda ouvi isso de uma autoridade, sabe? Mas mais uma vez Deus esteve na minha frente, porque eu nunca tive medo de nada. Em qualquer situação. Tive tapas na minha vida que eu tive que... olha, eu vou falar, viu, pegar a espada e lutar, lutar, lutar, lutar, sem saber, nem, sabe, como lutar.

P1 – Tá certo. Dona Mi, eu queria agradecer, então, a entrevista. Acho que o seu bar aí... ele... ele é um símbolo, um pouco aí, dessa parte da Vila Falcão, todo mundo conhece.

R1 – Olha, eu não sei se é símbolo, né, eu sei que eu sou conhecida pelas...

P2 – É muito conhecida.

R1 – Isso. Muito conhecida pelas atitudes, pelas lutas, né, que as pessoas vêm me perguntar, sabe, como foi, o que eu faço. Vem pedir assim, às vezes, como que é. Porque infelizmente, né, eu, assim, me sinto privilegiada por Deus de ter essa força, visto que as pessoas têm muito problema de depressão, solidão, tristeza profunda, né? Eu... Assim, eu observo isso hoje, nas pessoas. Então, eles vêm até me perguntar. Lógico que eu tive momentos. Assim, eu sempre falei para os meus filhos que eu choro de coração, mas jamais você vai me ver derramando uma lágrima. Sabe, às vezes eu dou risada, mas falta aquele sentimento, né? Aquele sentimento profundo, aquela saudade, aquela coisa, né? Decepção também das pessoas te prejudicarem, você chora, mas chora de alma, né, mas você sabe que Deus está à frente, segurando na nossa mão. Então, o que a gente tem que fazer? Aplicar essa fé, esse conhecimento, segurar e ir para a frente. Nada de depressão, falo: “Eu tenho é pressão e bem alta, hein”. Entendeu? Eu tenho mesmo, eu tomo remédio de pressão (riso).

P1 – Dona Mi, então agradeço a entrevista. Você quer fazer mais uma pergunta, Daiana? Alguma coisa?

P2 – Não, eu só...gostaria muito de agradecer também, Mi, pela oportunidade para falar conosco e esperar para a gente poder se encontrar, né, no Bar da Mi, que eu fiquei com vontade de ir experimentar esse torresmo, Mi. Desculpa, não consegui resistir. (riso)

P1 – Ela quer o torresmo.

R1 – Vocês serão bem recebidos aqui.

P2 – E conhecê-la também, que a sua história é incrível, viu? Parabéns por toda a luta e você é uma vencedora, parabéns!

R1 – Nós somos. Somos todos nós, né, bem? Todo mundo tem uma força dentro, né?

P1 – Tah legal.

R1 – E pronto para vencer sempre, né?